

ANTIGO SÃO PAULO

Inestimavel é o serviço que á nossa Faculdade foi prestado pelo finado dr. Almeida Nogueira em sua obra “Tradições e Reminiscencias”.

Repositorio de factos, trabalho de notavel erudição, fornecem as “Tradições e Reminiscencias” meios de reconstituirmos a vida do antigo São Paulo academico.

Parece que a vida academica tem dois periodos, bem accentuados na nossa historia escolar, um anterior ao ensino livre, e o segundo, posterior.

E’ certo que, desde a fundação dos cursos juridicos, houve sempre movimentos de revolta, sendo o mais notavel o que se deu em 71, quando foi scindida a Faculdade em dois partidos, um revolucionario e outro defensor da reforma legal. Foi uma época fecunda em modificações dos habitos dos estudantes.

Data de então a “Marselhesa academica”, obra de Carlos Gomes e Lucio de Mendonça, da qual se perderam ou ficaram em uma penumbra conveniente certas estrophes, qual a que começava pelos versos:

Estas bécas de vis mercenarios

Dora avante ao desprezo votemos... (*)

(*) O Hymno Academico, cuja musica é de Carlos Gomes, e cuja letra é de Bittencourt Sampaio, não deve ser confundido com o denominado *Hymno da União*, que tem por subtítulo *Marselhesa Academica*. A musica da Marselhesa Academica é de Cardoso de Menezes, que tomou o pseudonymo Rogerio Oscar. A letra, segundo me disse o exmo. sr. Ministro Clementino de Sousa e Castro, é de um poeta pouco conhecido, o Bacharel Brandão. Não se perdeu, como suppunha eu, a letra da Marselhesa Academica. Fui encontrar na Casa Levy, casa de musicas nesta capital, a musica com a letra. Faço esta nota, porque assim rectifico o erro em que cahi, e satisfaço diversas pessoas que me pediram explicações sobre este ponto de meu artigo. Em geral, poucos são os que, em São Paulo, se recordam do *Hymno da União* ou *Marselhesa Academica*, a qual teve um momento de celebridade.

Proseguia assim rubra, incendiaria, feroz, sanguisodenta, pedindo cabeças cahidas sob o cutélo, ameaçando os céus. . .

Foi, porém, o ensino livre, instituido em 79, que transformou a vida academica.

Não indo os alumnos senão excepcionalmente á Academia, afrouxaram-se os laços fraternaes que os uniam, desappareceram as vaias, as festas academicas, os prazeres em commum, as alegrias e dôres compartidas por toda a classe.

Sem as lições, sem as sabbatinas, sem os exercicios praticos, sem as chamadas para a verificação de presença, ficaram os alumnos desconhecidos dos lentes, e dahi indifference, onde outrora houvera affeição, e excepcionalmente odio.

As festividades, as ligas para os acintes aos profanos, ou para as pirraças aos calouros, as serenatas, os passeios, as ceias, tudo ligava a mocidade academica, antes da scisão pelo ensino livre.

A solidariedade desappareceu, e, na caça ao dollar, é hoje o estudante tão frio deante do irmão de letras, quanto deante do extranho á Faculdade.

Por um esforço de imaginação, reconstruamos a vida de antanho, quando Pedro Luiz afinava a lyra para desferir as estrophes da “Prisca Fides”.

Chegam aos magotes, os estudantes das mais remotas paragens. Trazem cabellos longos, barbas incultas e costumes extranhos.

S. Paulo, cidade em embryão, é para elles a fonte inexaurivel, a fonte da vida, o ponto em que se habilitam para tudo conseguirem na Patria. E’ a Faculdade o primeiro degrau da escada que leva aos pinaculos do poder. Tudo podia ambicionar o que conseguira a carta de bacharel. Quantos sonhos povoariam os cérebros daquelles recémchegados á Paulicéa, na primeira noite fria e nevoenta que aqui passavam! . . .

A cadeira do Juiz respeitado, a cathedra do lente admirado e temido, a tribuna do parlamento em que o orador fascina as multidões, o assento mesmo no Senado ou nos conselhos da corôa, tudo era possível, natural, provavel!

Não era o sonho daquelles tempos a caça ao dollar. Tinha-se como principio que “dat Justinianus honores”. Não começaram os nossos grandes advogados antigos na banca de advocacia. Consideravam profissão somenos, salvo quando, pelo lustre das grandes causas, ella attrahia um Silva Costa, um Ferreira Vianna. A Politica era a preocupação daquellas aguias de outr’ora.

Dá-nos disso a prova o factio da abundancia dos jornaes academicos de character politico, jornaes exclusivamente politicos. Conscio de seu valor, pertencente, em geral, a uma familia altamente collocada ou rica, gozando pela imaginação dos triumphos futuros que conhecia e dos que prelibaria, tinha o estudante por caracteristico a altivez.

Seguro de seu valor, generoso, cavalheiroso, imbuido nos preconceitos da classe, era capaz de todos os movimentos nobres, repugnava-lhe qualquer baixeza.

A cidade vivia para a Academia.

A Academia absorvia toda a vida paulista, quando S. Paulo, hoje prenhe de palacetes, era uma aldeia obscura, povoada por pobres empregados publicos e por pequenos negociantes, cujos generos finos eram unicamente os destinados aos ricos rapazes que chegavam de regiões remotas, e dividiam o tempo em estudar o Direito e o modo de tirar das familias a maior quantidade de dinheiro que fosse possível.

Com o mesmo afan, manuseavam o Mello Freire, para acudirem ás exigencias dos lentes, e a Vida Bohemia de Henrique Murger, para obterem inspiração ao intento de moverem seus paes a abrirem a bolsa.

O argumento porém que naturalmente convencia os velhos temerosos de se arruinarem, e de verem transviados.

os seus filhos pelas repetidas orgias, era, sem duvida, o de que não podiam os rapazes fazer má figura em tão brilhante companhia.

Na pequena cidade, e tanto quanto permittia a vigilancia dos lentes — armados da terrivel “bomba” —, andavam os estudantes de dia occultos nas casas de bebidas, e á noite vagando pelas ruas em serenatas. Outros verdadeiros emparedados, curvavam-se sobre os livros, ávidos de saber, sonhando triumphos nas letras, ou esperando escalar as mais altas posições nos cargos publicos. Diante de nossos olhos, volvendo-nos para o passado, surgem esses vultos de moços pallidos, curvados sobre os livros, trazendo no rosto vestigios de uma velhice prematura, tristes entre a multidão garrula e alegre da época, frios, desprezando quiçá os collegas despreoccupados, imprevidentes, que sorviam até o fundo a taça dos prazeres intensos da mocidade. Ao lado delles, surgem os vultos fataes, lugubres, taciturnos dos byronianos, Alvares de Azevedo e Castro Alves, plangentes, desesperados, amaldiçoando a vida, ferozes contra a existencia, invejando os epicuristas, cuja vida era uma festa eterna...

Emfim, a multidão risonha, empunhando uma taça, cantando, em alegre serenata, ou em passeio campestre. Lá vejo a multidão dos bohemios: eil-os indo á Penha, á Ponte Grande, a Santo Amaro, chalrando, rindo ás cachinadas, cheios de vida, qual bando de passaros em revoada. E assim marchavam á conquista do futuro...

E’ de tradição que o estudante nunca negava auxilio ao collega.

Na sabbatina nunca reduzia ao silencio um alumno mais preparado a seu collega mais fraco. Nunca um estudante recusava a seus collegas as notas que tomava na aula. Nunca deu o estudante uma inexacta informação aos seus companheiros de estudo. A traição, a cilada, a deslealdade, o desejo de esmagar o companheiro, o aneio por supplantar, por dominar, seja por que maneira fôr,

é recente, ou foi se formando lentamente, como natural resultado da luta pela existencia na fórmula brutal do “Honestly if you can, but make money...”

Entre lentes e estudantes, nem sempre eram boas as relações. Provas sobejas offerecem-nos as Tradições, ao mencionarem factos occorridos com o antigo director Pires da Motta, homem que praticou as maiores violencias contra os estudantes, violencias inteiramente inuteis. Sua intolerancia foi-nos transmittida pela tradição. Refere-se que, nos exames, gesticulava com as mãos como que arrancando das orelhas as palavras do examinando, para indicar que eram repugnantes. Grandes, parece, não eram seus conhecimentos.

Qual o preparo dos lentes?

Seriam realmente notaveis Carrão, Brotero, Crispiniano, que não nos legaram escriptos? Evidentemente o eram. Basta considerarmos que as gerações que consagraram esses mestres conheceram Ribas e Ramalho, cujas obras nos habilitam a julgar sua alta capacidade.

E' de crêr que tivessem os moços comparado a cultura de uns e outros, e portanto podemos ao lado de Ribas e Ramalho, collocar Crispiniano, Carrão e outros.

Doce deveria ter sido aquella época. Pela manhã, a vida intensa da Faculdade: rapazes a correrem pressurosos para alcançarem a aula, discussões nas arcadas, o ardor das sabbatinas, o movimento nas ruas sob o sol brando da Paulicéa, num clima ameno, e proprio para a vida ao ar livre.

Depois, ao cahir da noite, quando a lua prateava as casas caiadas, ou sob a densa neblina, que tornava mysteriosa a poetica cidade, as aventurosas e romanticas serenatas e ceias, simples, mas agradaveis diversões para os moços cujos cerebros eram povoados de sonhos e de imagens suaves.

Não havia neurasthenia, surmenagem, preocupação pelo futuro, não tinham os rapazes este aspecto de terror

que hoje apresentam, pois continuamente pensam no dia de amanhã, na caça ao dollar, na conquista do pão quotidiano!

Refere Bagehot que as obras dos patriarchas e dos pensadores gregos têm um sabor de tranquillidade, de paz de alma que hoje é impossivel: aquelles tinham a paz do espirito, diz Bagehot, porque tinham um rebanho de escravos para os servir. A luta moderna roubou-nos a paz. Não ha mais aquelles rapazes de rosto risonho, de ar tranquillo, confiados nas proprias forças. Desappareceram aquelles velhos que andavam pausadamente. A figura solemne de Crispiano pisando a compasso, vagaroso, tranquillo, imponente, seguro de sua superioridade, seria hoje impossivel.

Conta a tradição que Ribas, ao passar pela primeira vez na rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, sentiu-se fascinado pela vertiginosa actividade, pela correria daquella cidade de vida intensa e de habitos mercantis. Arrastado pela fascinação, acompanhando os nervosos transeuntes, dentro em pouco sentia-se suffocado: teve saudades do clima ameno de S. Paulo, do andar calmo, pausado, lento, grave, solemne, majestoso, nobre, com que se impunha aos estudantes; e com o qual não ficava suffocado.

Hoje, no luxo da metropole do nosso Estado, com a vida intensa, sacudido pelos rapidos e duros automoveis, arrastado na velocidade dos bondes electricos, fustigado pelas campainhas do telephone, numa correria vertiginosa de vida intensissima de cidade moderna, rodeado de mil deveres sociaes de difficil cumprimento, forçado a mostrar rosto alegre quando na alma ha fel e desespero, sacudido pelas forças multiplas deste complicado machinismo que se chama civilização, eu me volto para o passado, refaço o quadro da antiga vida academica tão vivamente descripta pelo Dr. Almeida Nogueira, e pergunto si não seriam mais felizes nossos antepassados.

Na pequena cidade, campeava a Academia como si fosse o cerebro do modestissimo organismo, naquella minuscula cidade que, por sua vez, se sentia orgulhosa de ter junto a si o cerebro do Brasil. Era a Academia semelhante aos antigos conventos e mosteiros, onde se concentrava todo o saber, toda a vida da região. Em torno, os rusticos, os profanos, curvados respeitosa-mente, deslumbrados ao ouvirem referencias ás mysteriosas palavras scientificas, confusos quando se lhes falava das deslumbrantes prelecções e lições, e memoraveis defesas de théses, dos offuscantes concursos em que tomava parte o escol do Brasil, dos notaveis trabalhos dos mestres e dos brilhantes discipulos.

Si não podemos resuscitar este passado, podemos dar mais cohesão á vida escolar, augmentar a solidariedade entre os estudantes, e, de algum modo, amenizar nossas relações de moços estudiosos, ligando mais attenção á vida academica.

S. Paulo, 1916.

BRAZ DE SOUSA ARRUDA,

Docente da Faculdade.

